
Cartografia dos Processos Comunicacionais nos Grupos de Pesquisa da UNEB: Desafios metodológicos¹

Cláudia Regina Dantas Aragão²

Mary Valda Souza Sales³

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este artigo tem como propósito refletir sobre os desafios teórico-metodológicos da pesquisa em andamento que discute processos comunicacionais e redes de difusão do conhecimento na universidade. Tem como objetivo principal desvelar as redes produzidas pelos processos comunicacionais nos grupos de pesquisa certificados da UNEB, tendo em vista a difusão do conhecimento na universidade, a partir de uma construção metodológica subsidiada pela cartografia, nesse caso de redes. Optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa e, como método, a cartografia no sentido de possibilitar a percepção das relações comunicacionais que se estabelecem e são tensionadas nos/pelos grupos de pesquisa no contexto de uma universidade multicampi e diversa. Ainda não temos resultados conclusivos, pois a pesquisa se encontra em desenvolvimento, mas apresentaremos algumas reflexões iniciais sobre os princípios epistemológicos e os desafios metodológicos das percepções e achados desta caminhada em construção, visto que a cartografia possibilita construções parciais que são estabelecidas no processo teórico-empírico da investigação.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia; processos comunicacionais; grupos de pesquisa; universidade.

INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos marcados por profundas transformações que afetam a sociedade. O conhecimento transformou-se em um bem essencial e a universidade, como centro de produção e difusão desse bem, desempenha um papel fundamental nesse contexto. É no meio acadêmico que diferentes saberes são sistematizados e validados, transformando-se em patrimônio público, estabelecendo-se como um elo formativo junto a diferentes segmentos educacionais, como a educação básica e a sociedade em geral.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEduc/UNEB. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: caragao@uneb.br

³ Doutora em Educação, pós-doutorado em Tecnologias Educacionais e da Comunicação. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: marysales@uneb.br.

Em nosso país, a maioria dos esforços de desenvolvimento técnico-científico, tecnológico e formação de recursos humanos qualificados, tem sido intermediada pela universidade articulando ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, não basta produzir conhecimentos que não são disseminados. Para que os saberes possam atingir a sociedade e beneficiar as comunidades, deve-se pensar nos melhores meios de difusão nos âmbitos interno e externo à academia.

O processo de institucionalização da pesquisa nas instituições de ensino superior no Brasil é fundamental para compreender o contexto de surgimento e o fortalecimento de grupos de pesquisa e, conseqüentemente, os processos de difusão do conhecimento acadêmico. Esse processo pode ser compreendido sob diversas circunstâncias institucionais, tais como a implementação de instâncias decisórias, a criação de agências de fomento e de mecanismos de socialização da pesquisa, a formalização de comissões de pesquisa nas instituições e os focos ou interesses de pesquisa propriamente ditos. Nesse cenário, as ações de gerar, obter, aplicar e difundir conhecimento ocupam posição de destaque nos ambientes de produção do conhecimento.

Segundo definição oficial do Diretório de Grupo de Pesquisa no Brasil (DGPB/CNPq)⁴, grupo de pesquisa consiste na unidade de produção de conhecimento constituída por pesquisadores líderes, pesquisadores seniores e pesquisadores assistentes, estudantes de doutorado e de mestrado, bem como por bolsistas de iniciação científica e pessoal técnico que compartilham investigações em torno de linhas de pesquisa comuns de pesquisa.

Um dos grandes desafios, no âmbito das universidades, é gerir o conhecimento produzido no âmbito dos grupos de pesquisa e articular a pesquisa, o ensino e a extensão. Em uma instituição pública de ensino superior como a UNEB, com as características peculiares trazidas pela multicampia⁵ – alto grau de complexidade, estrutura, gestão, administração acadêmica e processos de comunicação micros e macros – esse desafio é ainda maior e aumenta a relevância desta pesquisa, pois gerir e difundir o conhecimento produzido corresponde ao desenvolvimento de estratégias de comunicação, relação e

⁴ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario>. Acesso em 06 de agosto de 2019.

⁵ A UNEB, por ser a maior instituição pública de ensino superior com característica multicampi no Estado da Bahia, apresenta uma capilaridade estrutural, possui trinta departamentos distribuídos por vinte e seis campi. Sua estrutura multicampi atual é constituída de mais de 150 opções de cursos e habilitações nas modalidades presencial e de Educação a distância (EaD), nos níveis de graduação e pós-graduação, oferecidos nos trinta departamentos.

acompanhamento da comunidade acadêmica. Pelos motivos elencados, por ser este o universo de atuação profissional/acadêmica e, percebendo todas as carências que envolvem a difusão da pesquisa na universidade, elegemos os grupos de pesquisa certificados da UNEB como campo potencial para o desenvolvimento desta investigação.

Nesse sentido, a questão que norteia esta pesquisa é a seguinte: como ampliar a difusão de discursos, saberes e conhecimentos produzidos na universidade? Assim, a proposta inicial desta investigação está em perceber o campo da comunicação enquanto potencializador de redes para discutir/pensar as possibilidades de difusão do conhecimento na universidade. Para tanto, está sendo desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir do método da cartografia que tem como dispositivos de produção e coleta de dados o questionário online e a entrevista semiestruturada, a partir da qual acessaremos os líderes dos grupos de pesquisa.

O MAPA EPISTEMOLÓGICO DA PESQUISA

Tentando conhecer o objeto desta pesquisa, os processos comunicacionais e as redes de difusão do conhecimento, a partir de uma visão complexa, plural e múltipla, que desse conta das áreas de conhecimento que conformam o objeto – a comunicação e a educação –, elegemos abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998), que requer, também, uma leitura complexa para abordar do objeto (MORIN, 2015).

A opção epistemológica adequa-se à proposta desta pesquisa, a partir da compreensão da multirreferencialidade como:

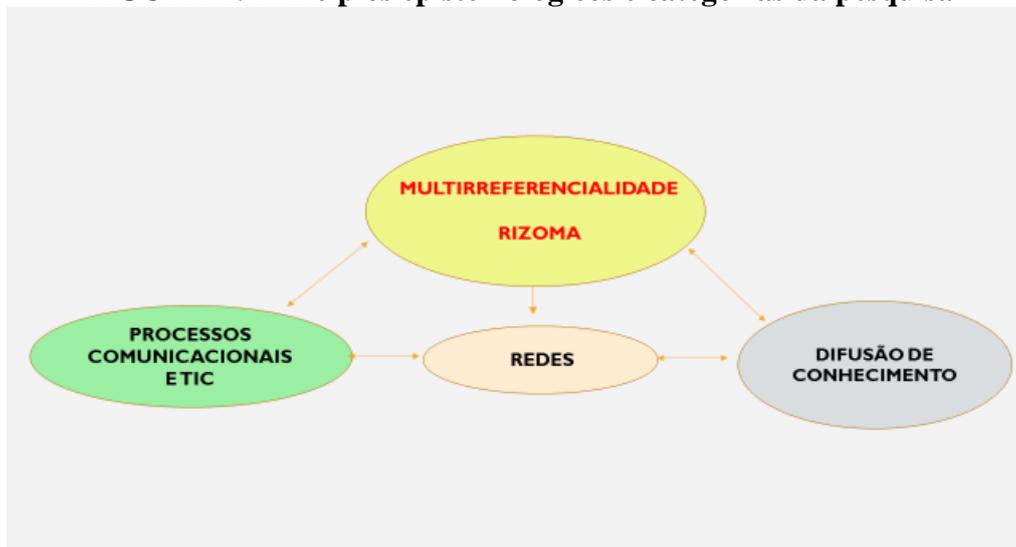
[...] a abordagem multirreferencial propõe-se a uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referências distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos. (ARDOINO, 1998, p. 24)

A abordagem multirreferencial pressupõe a conjugação de uma série de abordagens, mas de forma a não se reduzirem umas às outras, levando-nos a um tipo de conhecimento que se diferencia daquele que foi concebido na ótica do cartesianismo e do positivismo, e caracterizando-se, principalmente, pela pluralidade e a heterogeneidade. Assim, a “multirreferencialidade está no processo do pensamento, na mobilização do

pensamento fazendo-se” (BERGER, 2012, p. 27). No processo de pesquisa, a multirreferencialidade a que o autor se refere não é, a priori, um tipo de agrupamento de determinado número de competências estruturadas, mas está muito mais no movimento da pesquisa, de todo o movimento do pensamento. Isso nos leva, no caso especial desta pesquisa, a trazer, também, como pressuposto epistemológico, a ideia de rizoma, a partir de Deleuze e Guattari (2011). Esta concepção nos ajuda abordar a complexidade dos processos comunicacionais nos grupos de pesquisa de uma universidade multicampi, e o movimento das possíveis redes de difusão deste conhecimento.

O rizoma caracteriza-se pela capacidade de gerar novos ramos, de se espalhar em múltiplas conexões sem centro, sem hierarquia. Essa ideia, tomada por Deleuze e Guattari (2011), na introdução do livro *Mil Platôs*, é apresentada como um olhar estratégico, que opera a partir de diferentes princípios daquele unitário, estrutural e disciplinar característicos da árvore-raiz. A noção de rizoma, para além de um conceito, é uma forma de pensamento, a forma como nos deslocamos diante de realidades plurais. O rizoma constitui-se como um sistema acentrado e não hierárquico, pois cria fluxos transgressores que não respeitam a ordem e a fixidez de caminhos previamente determinados. O poder conceitual do rizoma é que ele pode ser visto como uma metáfora para a epistemologia, estudo do conhecimento e também para estruturas sociais e políticas. Pensar a ideia de rizoma através dos devires e relações dos saberes, a partir da imagem do rizoma, ou seja, como raízes gramíneas acentradas, engalfinhadas, não hierarquizadas, que são retroalimentadas pelas condições de múltiplas conexões transversais e caóticas. O rizoma pode ser pensado como redes sociotécnicas, que segundo Latour (2012) são híbridos em que as dimensões técnicas, cognitivas e sociais das redes se estabelecem pela associação de atores (sujeitos, objetos, instituições) sendo tratadas de modo horizontal e indissociável.

FIGURA 1: Princípios epistemológicos e categorias da pesquisa



Fonte: Mapa construído para apresentação do desenho da pesquisa

Assim, como demonstrado na figura 1, a pesquisa terá como categorias norteadoras: os processos comunicacionais e tecnologias, redes e difusão do conhecimento, abordados a partir de uma leitura multirreferencial e rizomática.

PERCEPÇÕES DOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS

A noção de comunicação tem sido pensada sob ângulos diversos e recobre uma multiplicidade de sentidos situados na encruzilhada de várias disciplinas, pois os processos de comunicação suscitam o interesse de ciências diversas, como a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, as ciências políticas, a biologia, a cibernética, as ciências cognitivas dentre outras. As várias concepções, mais do que revelar a diversidade de percepções/representações do real, materializam-se na variedade de posturas assumidas pelos sujeitos ‘frente aos’ e ‘nos’ processos comunicacionais.

Alguns teóricos como Wolf (1987), Miège (2000), Armand e Michèle Mattelart (1990), Martino (2010) traçam o panorama das teorias, modelos e tendências da comunicação até atingir a comunicação das redes interativas e cooperativas, também chamada de comunicação pós-massiva. Essa mudança, introduzida pela Revolução da Informática de Schaff (1985), implica o aparecimento de uma nova formalização da

cultura mediada pelos dispositivos digitais, fruto da confluência entre a comunicação, as telecomunicações e a informática (LÉVY, 1993). Com a difusão da cultura digital, compreendida como as diferentes formas de interação e sociabilidade, os processos de comunicação e de relações sociais passam ser mais dinâmicos, abertos e convergentes. (SANTAELLA, 2010).

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e, especialmente, das redes sociais digitais, comprova a existência de inúmeras redes que conectam os sujeitos entre si e ao seu ambiente social e natural, exigindo do campo da comunicação uma visão de mundo que contemple o cenário de complexidade em que vive a sociedade contemporânea.

Para a compreensão dos processos comunicacionais utilizaremos a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, abordagem que vem sendo desenvolvida por meio de pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM), cuja área de concentração, única entre os programas de pós-graduação em comunicação brasileiros, é denominada “ecossistemas comunicacionais”. Trata-se de um campo de estudos que focalizam a diversidade e ao mesmo tempo a unidade de fenômenos interconectados e interdependentes, que envolvem as práticas comunicativas, instituindo processos em rede que tensionam as fronteiras disciplinares da investigação científica frente à complexidade do objeto, exigindo pesquisas Inter, transdisciplinares.

Martino (2010) identifica alguns fatos importantes na comunicação. Dentre eles está a intenção de sair do isolamento, a partir de uma realização em comum, sendo o produto de um encontro social. Assim, a comunicação apresenta uma perspectiva participativa, construída a partir da interação de todos os envolvidos, como um processo que reconhece a importância de cada indivíduo do grupo.

Desse modo, os processos comunicacionais, nesta pesquisa, podem ser percebidos como ecossistemas comunicacionais:

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam

transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e, no limite, na própria cultura. (PEREIRA, 2011, p. 51).

Essa perspectiva contesta pensamentos e métodos cartesianos e teorias clássicas da comunicação, e não descarta as subjetividades e incertezas das circunstâncias envolvidas nos processos comunicacionais.

Nesse sentido, seguindo os princípios da abordagem qualitativa e por tratar-se de uma análise plural, aberta, rizomática e multirreferencial dos processos comunicacionais como potencializadores de redes de difusão de conhecimento, uma questão nos desafia: quais redes são estabelecidas nos grupos de pesquisa certificados da UNEB, a partir de seus processos comunicacionais? Tal inquietação nos encaminhou ao método cartográfico, como possibilidade de adentrar e conhecer o território da pesquisa.

A CARTOGRAFIA COMO DESAFIO METODOLÓGICO

Uma das maiores preocupações desta pesquisa é construir uma metodologia que busque mapear os processos comunicacionais nos grupos de pesquisa na perspectiva de desvelar pontos de conexão e possibilidades de difundir o conhecimento na universidade.

A cartografia é uma perspectiva metodológica recente e pode ser compreendida como metodologia, método ou procedimento metodológico, dependendo do uso, da intenção do pesquisador e da dimensão que ela ocupa no processo. Partimos do princípio que se constitui em um método aplicável aos campos da educação e comunicação, tendo em vista a sua processualidade e a articulação que constrói com todas as etapas da pesquisa. A inspiração que buscamos na cartografia está voltada para os campos das ciências sociais e humanas e, mais que o mapeamento do território, no seu sentido físico, pretendemos acompanhar processos comunicacionais, conexões que não se referem a método como proposição de regras e procedimentos, mas como estratégia de análise para perceber relações comunicacionais que se estabelecem e se tensionam nesse território.

Assim, a cartografia é buscada como uma possibilidade de aproximação abrangente dos fluxos, linhas e forças que compõem o mapa de determinado território. Por território, compreende-se, aqui, a partir de Deleuze (2011) as paisagens psicossociais nas quais o pesquisador está interessado e que podem ser percorridas através de múltiplas entradas, marcando caminhos e movimentos, constituindo-se de modo rizomático.

De acordo com Passos e Barros (2009), a cartografia propõe uma reversão do sentido tradicional do método (metá-hódos), definido como caminho predeterminado pelas metas, como um desafio aos estudos de cunho qualitativo, sem abrir mão da orientação e de referências no percurso da investigação, a cartografia propõe “transformar o metá-hódos em hódos metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 10-11). Dessa maneira, a cartografia defende a manutenção de um posicionamento mais flexível em relação aos objetivos e metas da pesquisa, sem comprometer o rigor metodológico.

Ancorados nos princípios do rizoma de (DELEUZE; GUATTARI, 2011) descritos anteriormente, intencionamos utilizar a cartografia como um método para desemaranhar as linhas do objeto e pensar processos comunicacionais a partir das formações rizomáticas dos grupos de pesquisa certificados da UNEB. “Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’” (DELEUZE, 1990, p. 1).

O desafio é assumir o papel do cartógrafo com o rigor necessário para participar da construção da cartografia dos processos comunicacionais dos grupos de pesquisa e manter a coerência com o enfoque teórico/epistemológico descrito. Que caminhos tomaremos nesta pesquisa? Que deslocamentos assumiremos? O rizoma propõe-se a ampliar as possibilidades de construção de um pensamento multirreferencial e complexo, a problematizar quaisquer formas que delimitem e enquadrem um raciocínio na lógica de uma origem, e se apoiar sempre no recurso da experimentação. Ao acreditar que

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48)

A noção de rizoma nos auxilia pelo fato de remeter à perspectiva cartográfica como forma de abrir caminhos na pesquisa, em constante movimento. “A pesquisa por assim dizer é sempre um mapa que possibilita múltiplas entradas e onde é possível agrimensando um terreno em permanente mutação” (OLIVEIRA; MOSSI, 2014, p. 191).

Além do conceito de rizoma, um outro conceito trazido por Guattari (2004) é o de transversalidade, definido como um aumento dos *quanta* comunicacionais intra e intergrupos, em uma instituição. A transversalidade desdobra-se no tema das redes que, neste primeiro momento, visto que Guattari (2004) descreve como redes comunicacionais. Nesse aspecto, afirma:

Operar na transversalidade é considerar esse plano em que a realidade toda se comunica. A cartografia é o acompanhamento do traçado desse plano ou das linhas que o compõem. A tecedura desse plano não se faz de maneira só vertical e horizontal, mas também transversalmente. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 27)

A partir da afirmativa de Guattari (2004) e do conceito de transversalidade, buscaremos perceber, então, como os grupos de pesquisa certificados da UNEB constroem, através de seus processos comunicacionais, redes de inter-relações, que podem ser articuladas por diversos atores.

Nesse aspecto, compreendemos rede a partir do que afirma Bruno Latour: “a rede de actantes é sempre aberta, heterogênea de modo que a princípio, é possível estabelecer todo tipo de conexão” (2012, p. 27), uma vez que a rede aqui não é apenas a estrutura, não é o local por onde as coisas passam, mas o local onde as relações se estabelecem e se transformam. Por isso que a rede é o próprio movimento rizomático, é o espaço/tempo onde circulam as transversalidades.

O desafio metodológico aqui consiste em perceber a cartografia como um trilhar metodológico que visa a construir um mapa do objeto de estudo, que vai se construindo e reconstruindo a partir de um olhar atento do pesquisador, das observações e percepções que são únicas em cada pesquisa. A cartografia prima pela processualidade, e assim vamos buscando e apontando pistas para trilhar o território.

CONHECENDO O TERRITÓRIO E CONSTRUINDO MAPAS

A perspectiva cartográfica precisa ser pensada e abordada em relação a um território (geográfico, social, cultural, político, comunicacional etc.), que na perspectiva de Deleuze e Guattari compõe o cenário onde se exteriorizam tensões, fluxos de movimento interno e externo, e possibilidades de reconfiguração e criação de novos territórios. Isto implica a demarcação de contornos que permitem definir o plano a ser

observado, onde se constroem os mapas que, de fato, apresentam limites, mas que estarão abertos para permitir as mudanças

A noção de território, que é de interesse para esta pesquisa se caracteriza pelas dinâmicas sociais que lhe dão significado a partir de relações complexas, que projetam tanto as tensões articulações dos grupos de pesquisa, mostrando que ele não é estático e que está imerso em relações de poder, tanto no seu interior quanto no seu exterior, embora seja no movimento onde radica o potencial de mudança, desterritorialização em Deleuze e Guattari (2009) .

A perspectiva cartográfica é entendida, aqui, também como um “dispositivo” que leva em conta os princípios do método cartográfico. Os dispositivos desempenham funções importantes e definidas, como afirma Macedo:

Um dispositivo não pode ser considerado apenas um instrumento, um procedimento padrão a ser aplicado. Trata-se de uma escolha que porta consigo todas as orientações sociotécnicas, epistemológicas, éticas e políticas que toda relação com o conhecimento eleito como formativo configura. (2011, p. 43)

Agregando as funções de dispositivo à prática cartográfica, trazemos os comentários de Deleuze, segundo a filosofia de Michel Foucault (1990) que nomeia o dispositivo:

Como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (DELEUZE, 1990, p. 244)

Comentando esse conceito de Foucault (1990), Deleuze indica que a composição de qualquer dispositivo é início de um novo, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente” (DELEUZE, 1990, p. 155). Afirma, ainda, que um dispositivo comporta linhas de força que são percebidas, aqui, como a dimensão do poder-saber. Essas linhas levam as palavras e as coisas à luta incessante por sua afirmação. Elas operam “no vai-e-vem do ver ao dizer e inversamente, ativo como as flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras sem cessar de levá-las à batalha” (DELEUZE, 1990, p. 156).

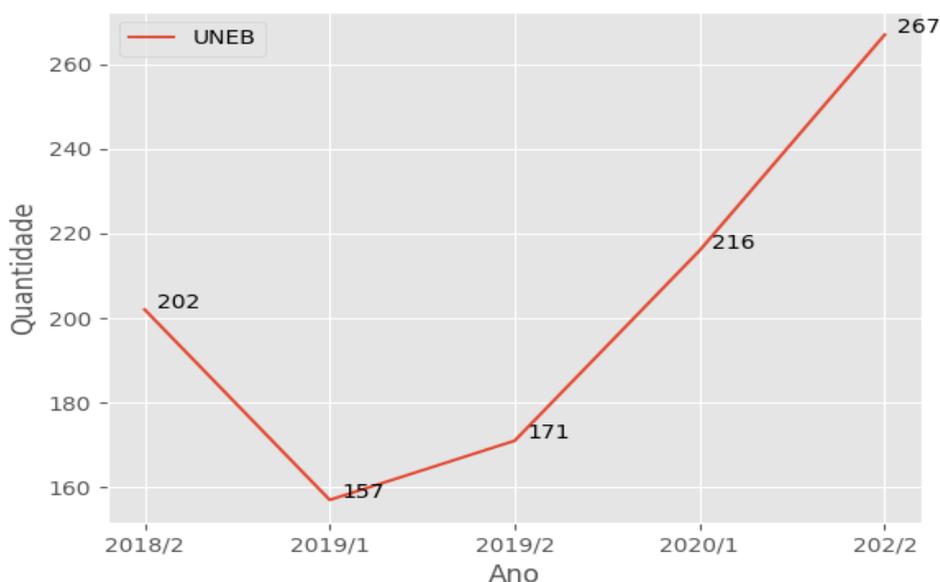
Trata-se então de um método que vai sendo construído processualmente. Neste sentido, sem predeterminar regras ou protocolos, o método cartográfico utiliza pistas como referências que “concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio caminhar no percurso da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 13). As pistas permitem descrever, discutir e coletivizar a experiência do cartógrafo (KASTRUP, 2009). Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco (2009; 2016) sinalizam pistas do método cartográfico, que são independentes, mas conectadas entre si. Vamos utilizar algumas dessas pistas como dispositivos desta pesquisa.

Na pista da “atenção”, trabalhada por Kastrup (2009), aborda-se o funcionamento da atenção na cartografia. Esse aspecto é destacado, tendo em vista o trabalho do pesquisador/cartógrafo. Ele não vai a campo para coletar dados como algo que já está lá pronto e à espera de alguém que os colha e analise. Como nos aponta Kastrup (2009) a partir de Merleau-Ponty (1999), a Atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo. Um caminho indicado por Kastrup está na adoção da ‘atenção à espreita’ – flutuante, concentrada e aberta – que utiliza todos os sentidos” (2009, p. 48). Desse modo, a autora nos oferece quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio diz respeito à “varredura do campo”, para localizar pistas; o toque diz respeito a algo que acontece e exige atenção; o pouso acontece quando a atenção realiza uma parada e o campo se fecha numa espécie de zoom, formando um novo território, reconfigurando o campo de observação e, por fim, o reconhecimento atento que, acionado pelo pouso, instiga a questão “o que está acontecendo? Em seguida, retoma-se a circularidade presente nos modos de atenção.

Como dispositivos para esse mapeamento, fizemos um primeiro “rastreio”, uma “varredura inicial” no campo desta pesquisa, através de pesquisa documental, nos documentos e portal da universidade, de listas e relatórios da Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG) sobre a pesquisa na universidade e obtivemos informações sobre um total de 621 grupos de pesquisa cadastrados na plataforma do Diretório de Grupos de pesquisa no Brasil (DGP) do CNPq. Nessa lista constavam grupos em preenchimento, grupos aguardando certificação, grupos excluídos e grupos certificados. A outra pista da atenção, “o toque” sinalizou que não tínhamos acesso a

grupos excluídos, e os em preenchimento ou aguardando certificação ainda não teriam um movimento para delinear o nosso mapa. Fizemos então um “pouso”, numa espécie de zoom, para fechamento do nosso olhar apenas nos grupos certificados e, então obtivemos um total de 267 grupos.

FIGURA 2: Evolução do quantitativo dos grupos de pesquisa



Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação, 2020⁶.

A partir dos dados, dos 267 grupos apresentados como certificados, fizemos uma nova busca do DGP, “um reconhecimento atento” e constatamos 180 grupos certificados e com atualizações no ano de 2020. Este será o recorte inicial da nossa pesquisa. Kastrup (2009) afirma que o reconhecimento atento tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos.

Para o acompanhamento do processo foi elaborado um questionário online composto por perguntas fechadas e abertas. As questões estão agrupadas a partir de categorias teóricas que permeiam a pesquisa e estão dispostas em 4 (quatro) seções temáticas para melhor organização. Porém, as questões e as seções se relacionam: I - Perfil do Grupo de Pesquisa; II- Processos comunicacionais e Tecnologias da comunicação e informação III- Articulações para a pesquisa IV – Possibilidades da difusão do conhecimento. O questionário foi enviado inicialmente, por e-mail, para 180 coordenadores de grupos de pesquisa.

⁶ <https://portal.uneb.br/ppg/grupo-de-pesquisa/>. Acesso em 16 de junho de 2021.

É nesse processo que buscaremos construir essa cartografia e apresentar algumas pistas para ampliar as possibilidades comunicacionais entre os grupos de pesquisa da UNEB e, conseqüentemente, potencializar aspectos que possam constituir redes de difusão do conhecimento vivas e ativas na universidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir do que foi inicialmente apresentado, vamos estabelecendo relações e buscando pistas de modo a aprofundar teórica e metodologicamente o objeto pesquisado. Salientamos que é necessário amadurecimento e o aprofundamento do corpus teórico, assim como dos dispositivos e os próprios procedimentos que constituem a cartografia. Acrescente-se a isso um olhar flexível sobre a realidade que se dá num contexto em que a contradição deve ser incluída no processo de construção. Pensar a universidade nesta perspectiva requer desprendimento, rompendo com um conhecimento universal e paradigmático. No dizer de Macedo:

As ideias de reflexão e inspiração emanam, acima de tudo, da necessidade de explicitar pressupostos e referências e do cuidado crítico com a pluralidade, a abertura ao inacabado e a realidade empírica construída e reconstruída por seus atores. (2000, p. 35)

Espera-se assim, perceber como os processos comunicacionais são estabelecidos, como circulam, como podem ser potencializadores de redes de difusão de conhecimento. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a reflexão, a construção de indicadores para a difusão de conhecimento na universidade, no sentido de transformação da realidade investigada e de geração de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCAR, 1998.

BERGER, Guy. A multireferencialidade na universidade de Paris Vincennes à Saint-Denis: o pensamento e a práxis de Jacques Ardoino. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio. (Orgs). **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DELEUZE, Gilles. ¿**Qué es un dispositivo?** In: _____. Michael Foucault, filósofo. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p.155-161. Disponível em: <www.escolanomade.org>. Acesso em: 03 mar. 2020.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**, vol 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**, vol 4. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GUATTARI, Félix. A transversalidade (1964). In: _____. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004. p.75-84.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo, formação em ato?** Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus, BA: Editus, 2011.

_____. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

MATTELART, Armand; Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marilda; MOSSI, Cristian Poleti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura: filosofia e educação**, UCS, Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 3, p185-198, set/dez. 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016. (v. 2).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.17-31.

PEREIRA, M.F. **Ecosistemas comunicacionais**: uma definição conceitual. In: MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.L.; FILHO, O.A. (Orgs.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHAFF, A. **A sociedade Informática**: as consequências sociais na segunda revolução industrial. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Brasiliense, 1985.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.